

**Quando as espécies se encontram na paisagem:
pensando socialidades mais-que-humanas em um parque urbano carioca**

SESSÃO TEMÁTICA: ET 02: Dimensão humana do projeto, do planejamento e da gestão da paisagem

CATEGORIA: artigo acadêmico científico

Bruno Amadei Machado
PROURB / FAU-UFRJ
bruno@brunoamadei.com

RESUMO

Como a presença mais-que-humana na cidade pode estabelecer as bases para a concepção de um Urbanismo Multiespécies? Neste artigo buscamos contribuir para um paradigma emergente comprometido em levar mais a sério a diversidade de atores que constituem as paisagens do Antropoceno. Ao fazê-lo, esperamos não apenas compreender melhor as múltiplas interações que ocorrem nas cidades, mas também vislumbrar diretrizes para o projeto e planejamento de espaços livres que promovam a resiliência em um contexto de incertezas crescentes. Para alcançar esse objetivo, introduziremos um referencial teórico que expande o "social" aos atores mais-que-humanos através da Teoria Ator-Rede, dos Estudos Multiespécies e em certa definição de paisagem. Em seguida, ao tecer conexões assumidamente parciais, lançaremos luz sobre práticas de cuidado observadas quando humanos e plantas se encontram em um parque urbano carioca. Por fim, destacaremos algumas entradas sensíveis que podem inspirar e, em última instância, nos ajudar a compreender e definir com mais clareza as implicações dos Estudos Multiespécies para o projeto da paisagem.

PALAVRAS-CHAVES: Urbanismo Multiespécies; Teoria Ator-Rede; Parque do Flamengo.

ABSTRACT

How can the more-than-human presence in the city lay the groundwork for the conception of a Multispecies Urbanism? In this article, we aim to contribute to an emerging paradigm committed to taking more seriously the diversity of actors constituting the landscapes of the Anthropocene. In doing so, we hope not only to better understand the multiple interactions occurring in cities but also to envision novel guidelines for the design and planning of open spaces that promote resilience in a context of growing uncertainties. To achieve this, we will introduce a theoretical framework that expands the "social" to include more-than-human actors through Actor-Network Theory, Multispecies Studies, and a certain definition of landscape. Next, by weaving admittedly partial connections, we will shed light on care practices observed when humans and plants meet each other in a Rio de Janeiro urban park. Finally, we will highlight some sensitive entries that can inspire and, ultimately, help us understand and define more clearly the implications of Multispecies Studies for the field of landscape design.

KEYWORDS: Multispecies Urbanism; Actor-Network Theory; Flamengo Park.



1 NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O SOCIAL NO URBANO

Em 2010, o arquiteto dinamarquês Jan Gehl publicou "Cidades para pessoas". Traduzido para cerca de 40 línguas até o momento, o livro obteve enorme sucesso ao advogar boas práticas de desenho urbano e amplificar o debate rumo a "cidades mais humanas" (GEHL, 2022). Ao mesmo tempo, embora projetar cidades adequadas à escala humana seja uma tarefa incontestável, ela já não é suficiente. Em meio às notícias que anunciam diariamente o fim do mundo (ou ao menos o fim do mundo tal como o conhecemos), a emergência climática alterou o ritmo das transformações e propiciou a intrusão de novos atores, colocando à prova epistemes gestadas há séculos que continuam dominando a agenda urbana.

Nas primeiras décadas do século XXI, multiplicaram-se questionamentos em relação às grandes divisões que alicerçam a modernidade. Enquanto autores sublinham os hibridismos e simpoieses presentes nas *naturezas-culturas*¹ e *naturecultures*², conceitos como pós-humano, não-humano, alterhumano, mais-que-humano e outro-que-humano buscam, cada um à sua maneira, perturbar universais herdados e evidenciar a estreiteza daquilo que se encaixa na categoria de humanidade.

Tais interrogações reverberam também nas discussões acerca do Antropoceno, contestando a exclusividade do *anthropos* sugerido por Crutzen e Stormer em 2000. Desde então, reflexões originadas nas mais distintas disciplinas geraram uma profusão de cenos. Do Capitaloceno aos tentáculos do Cthuthuluceno, das monoculturas do Plantationoceno à hegemonia das cidades do Urbanoceno, os mais de 80 termos inventariados até o momento (CHWAŁCZYK, 2020), antes de serem derivações mais ou menos criativas de um mesmo fenômeno, sinalizam uma mudança fundamental na forma como entendemos os modos de composição, produção e extração no espaço-tempo presente.

No campo ampliado das Humanidades, estudos vêm demonstrando que a adaptação ao novo regime climático envolverá esforços igualmente novos de mediação, os quais, por sua vez, demandarão mais atenção às assembléias viventes há muito ignoradas ou confinadas nas Ciências Naturais. Hoje, mais do que nunca, somos convocados a reconhecer que as espécies não precedem os encontros - ao contrário, nos moldamos em uma teia de relações intra-ativas e continuamente refeitas.

Desde os estudos urbanos, autores também defendem que as cidades não podem continuar sendo conceitualizadas como "cidadelas humanistas" (FRANKLIN, 2017). A tarefa demanda abandonarmos o foco exclusivo na escala humana e considerarmos o papel crucial de outras formas de vida e socialidade. Se hoje notamos que não estamos sozinhos entre nossos pares biológicos, a história também aponta que jamais estivemos ou estaremos. Nas nossas afinidades, dependências ou conflitos, não cessaremos de nos encontrar nos solos, águas, ventos e infraestruturas urbanas.

Por outro lado, que encontros vêm sendo cancelados como *sociais*? Desde a perspectiva da Teoria Ator-Rede, em um movimento contrário àquele que restringiu seu significado com o passar do tempo, Bruno Latour aciona a origem etimológica da palavra "social" e sua raiz latina

¹ "Ora, não existem nem culturas - diferentes ou universais - nem uma natureza universal. Existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparação" (LATOUR, 2013, p. 102).

² HARAWAY, 2021; PUIG DE LA BELLACASA, 2010.



socius - *seq, sequi*, ou “seguir” – para entender o social enquanto elemento de ligação e a sociologia, por sua vez, como o estudo das associações entre elementos heterogêneos³:

“Ainda que a maioria dos cientistas sociais prefira chamar “social” a uma coisa homogênea, é perfeitamente lícito designar com o mesmo vocábulo uma série de associações entre elementos heterogêneos. Dado que, nos dois casos, a palavra tem a mesma origem – a raiz latina *socius* -, podemos permanecer fiéis às intuições originais das ciências sociais redefinindo a sociologia não como a “ciência do social”, mas como a busca de associações. Sob este ângulo, o adjetivo “social” não designa uma coisa entre outras, como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um tipo de conexão entre coisas que não são, em si mesmas, sociais” (LATOURE, 2012, p. 23).

Assumir que o social age menos como matéria e mais como transmissor permite a abertura de novos precedentes investigativos. Seguindo a Teoria Ator-Rede e admitindo que há “*infinitamente mais agentes no mundo do que correntemente imaginam nossas ciências humanas*” (VARGAS, 2007, p. 13), a atenção do pesquisador se volta também para os atores não-humanos, elementos bióticos e abióticos que, por estarem em igual posição na rede face ao princípio da simetria, têm tanto poder de agenciamento quanto seus correligionários humanos.

Partindo da consideração de Gabriel Tarde de que o humano se define menos por uma essência transcendental do que por uma perspectiva (VARGAS, 2007, p. 24), a pesquisa que envolve o social (e suas funções) passaria, portanto, a rastrear as conexões estabelecidas entre a miríade de atores que povoam a cidade, transitando entre animais humanos e não-humanos, plantas, seres inanimados e até mesmo infraestruturas. Ademais, vislumbrar a reagregação (*reassembling*) do conjunto de atores humanos e mais-que-humanos permitiria expandir as possibilidades de atuação do cientista social, arquiteto urbanista e paisagista, apontando para uma via alternativa frente à rígida separação dos campos disciplinares que insiste em guiar a ciência moderna.

1.1 Estudos Multiespécies e cidades

Os Estudos Multiespécies (*Multispecies studies*) têm servido de termo guarda-chuva para unir diversas abordagens interdisciplinares que emergiram nos últimos anos, sobretudo nas Humanidades Ambientais. Em comum, como apontado por van Dooren, Kirksey e Münster (2016), a produção identificada com os estudos multiespécies experimenta novas formas de investigação baseadas nas “artes de notar”, compartilhando o interesse em compreender melhor o que está em jogo - eticamente, politicamente, epistemologicamente - para as diferentes formas de vida envolvidas em relações de conhecimento e coexistência.

Cidades, por sua vez, são um tema multiespécies. No entanto, o olhar antropocêntrico que as constrói é o mesmo que guiou o desenvolvimento das teorias urbanas até aqui. Enquanto avanços rumo a um paradigma urbano mais-que-humano têm se destacado na matriz

³ Em inúmeras passagens de sua produção, Latour se refere a Gabriel Tarde e sua concepção do social. Para Eduardo Vargas, “A questão é que em Tarde a palavra social tem um significado muito peculiar, posto que não define um domínio específico da realidade ou uma zona ontológica particular reservada aos humanos, mas designa toda e qualquer modalidade de associação; de forma que, em vez de substância, social é sempre relação, logo, diferença” (VARGAS, 2007, p. 21).



anglo-saxônica da Antropologia e Geografia cultural, a Arquitetura e Urbanismo ainda permanecem à margem deste movimento⁴.

Antes do termo multiespécies ter se popularizado, a geógrafa Jennifer Wolch já delineava aquilo que chamou de uma teoria urbana transespécies. Em artigo publicado em 1996, Wolch sugeriu um quadro conceitual "moldado pela consciência das diferenças entre humanos e outras espécies, e fundamentado no respeito às oportunidades de vida tanto para as pessoas quanto para os animais" (WOLCH; WEST; GAINES, 1995, p. 755, tradução nossa).

Mais recentemente, Houston et al. defenderam uma abordagem mais densa, relacional e responsiva ao pós-humanismo nos estudos urbanos, clamando por:

"[...] questionar criticamente as formas sutis e evidentes de excepcionalismo humano na teoria do planejamento, desenvolvendo modos de investigação intelectual que explorem como espécies não-humanas e objetos se envolvem (e reconfiguram) desejos urbanos conflitantes" (HOUSTON et al., 2018, p. 203, tradução nossa).

Finalmente, enquanto a atenção inicial se concentrou nas formas de vida animal, a virada vegetal fez emergir um novo campo de pesquisa e prática. Desfazendo a imagem das plantas como meros objetos passivos, esta abordagem reconhece nelas agência, inteligência e memória, tendo coevoluído de modo a tomar decisões complexas capazes de inspirar novas entradas aos problemas das cidades⁵. Como exemplo, na proposta de Natasha Myers para o Plantropoceno, as plantas coexistem com a figura do Antropos em uma chave analítica positiva, reforçando que o destino do ser humano está inextricavelmente ligado àquele das vidas e mundos vegetais (MYERS, 2019, p. 147).

Neste breve mapeamento, exploramos como novas perspectivas podem contribuir para ampliar nossa compreensão das socialidades mais-que-humanas no ambiente urbano. Na continuação, o próximo tópico apresentará certo entendimento de paisagem e sua relevância para esta investigação.

1.2 Paisagens e encontros

O conceito de paisagem ganha contornos cada vez mais polissêmicos, uma característica que o enriquece e nos desafia. Abrindo esta caixa de ferramentas, aqui pretendemos que a paisagem seja manejada de modo a oferecer uma lente analítica e propositiva compatível com as urgências do Antropoceno. É desde o pensamento aberto da experiência paisagística (BESSE, 2014, p. 65) e suas identidades provisórias (DOHERTY; WALDHEIM, 2016) que vislumbraremos encontros multiespécies na cidade.

Para a antropóloga Anna Tsing, paisagens são reuniões de modos de ser em formação (TSING, 2019, p. 247). Recorrendo à origem germânica do *Landschaft* ao mesmo tempo enquanto lugar e comunidade, a autora sinaliza a dimensão dinâmica, processual e multiespecífica que as constitui, evitando sua gênese comumente atribuída ao domínio do pictórico⁶. As paisagens

⁴ No Brasil, contra a corrente, ressalta-se a edição "Companheiros multiespécies: com quem construir mundos?" da Revista Urbana Indisciplinar, editada por grupo sediado na Escola de Arquitetura da UFMG. Edição v. 8 n. 15 (2022), [Online] disponível em

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/issue/view/1946>> . Acesso em 16 out. 2023

⁵ Sobre esta questão, cf. Stefano Mancuso (2021), capítulo "A planta da cidade".

⁶ Em um caminho similar, outras abordagens contemporâneas vêm explorando leituras não-representacionais da paisagem, ora como prática e ação, ora como materialidades e sensibilidades com as quais vemos. Cf. MACPHERSON, 2010.



traçadas por Tsing indicam possibilidades de convivência e cenários de habitabilidade, a maioria delas produto do design não-intencional empreendido por muitos agentes, "*humanos e não-humanos, que de forma concomitante tecem mundos*" (TSING, 2022, p. 226).

Do outro lado, posicionado desde a prática do design intencional, James Corner traz um ponto de vista igualmente instigante que aposta na paisagem enquanto verbo (processo ou atividade) mais do que substantivo (objeto ou cena). Corner enxerga o projeto de arquitetura da paisagem como inventor de novas formas e programas. Para ele, seu poder reside nos processos de indeterminação e diversificação das paisagens

"[...] que envolvem, capacitam, diversificam, enganam, emancipam e escapam - em suma, paisagens que funcionam como agentes, como transformações e encontros contínuos que ativamente resistem ao fechamento e representação" (CORNER; HIRSCH, 2014, p. 279).

As perspectivas de Tsing e Corner convergem na compreensão das paisagens enquanto encontros dinâmicos, multiplicando naturezas e reinventando culturas. Ambas nos convidam não apenas a restabelecer elos perdidos, mas também a inventar outros novos. Ao reconhecer que o projetista tem responsabilidade ativa na preservação "*das significações em reserva, dos horizontes espaciais e temporais dentro mesmo da localização dos futuros*" (BESSE, 2014, p. 66), a paisagem reafirma sua capacidade de reunir e intervir em modos de ser em formação.

Seguindo a paisagem "social" que se desvela em um parque urbano carioca, que cenários presentes e futuros de habitabilidade podemos vislumbrar? Na sequência, encontros com a matéria vegetal buscarão fornecer pistas ao problema.

2 DESVIOS VEGETAIS EM UM PARQUE URBANO CARIOCA

Construído na década de 1960, o Parque do Flamengo é o maior parque urbano do Rio de Janeiro. Considerado o primeiro parque de linhas modernas do Brasil (COSTA, 1993 *apud* FARAH, 2021) com jardins projetados pelo paisagista Roberto Burle Marx, seus dois milhões de metros quadrados de solo pobre de aterro sustentam mais de 200 espécies de árvores e palmeiras (MELLO FILHO et al, 1993 *apud* FARAH, 2021), além de uma miríade de usos. Por seu caráter público e pela posição privilegiada que ocupa na malha da cidade, mas também pelos equipamentos que abriga ou deixou de abrigar, ali despontam atividades individuais e coletivas, projetadas e espontâneas, permitidas e clandestinas, estimuladas, toleradas e coibidas.

Desde a visão aérea identificamos a predominância dos espaços livres sobre os construídos, seus conjuntos vegetados de linhas biomórficas, suas passarelas vencendo as leves operações topográficas, caminhos sinuosos e remetimentos à paisagem carioca de morros e águas que despontam no horizonte. Mas se do alto o projeto aparenta ter conservado sua pureza, desde o rés-do-chão observamos que aos elementos vegetados e construídos do projeto original coexistem formas, usos e encontros inesperados. Quando percorridos mais lentamente, percebemos que os amplos espaços abertos, defendidos em longas disputas e que felizmente prevaleceram no partido projetual adotado, hoje também servem de palco para variados *desvios vegetais*.

Por "desvios vegetais" nos referimos à matéria vegetal que cresce a despeito da ordem preconizada pelo projeto do parque e seguida por seus gestores. Esses desvios compreendem o crescimento de espécies transportadas espontaneamente por ventos, aves e insetos, nos lembrando que os fluxos ecológicos nem sempre respeitam os limites físicos e de zoneamento das cidades. Não obstante, também compreendem o desenvolvimento vegetal que prospera



com o auxílio intencional de *companhias humanas desviantes*. Desde 2022 foi possível identificar cerca de 50 pontos que ilustram essa situação. São plantios que variam de 1 a 10 mudas e que, por sua posição singular, pelas espécies escolhidas, pelo porte e agrupamentos criados, pelas técnicas rudimentares de tutoramento e preparo de covas, indicam um esforço exercido por pessoas que frequentam o parque e fazem dele seu quintal.

Figura 1: Em vermelho, delimitação do Parque do Flamengo. Em verde, *desvios vegetais* mapeados até maio de 2023.



Fonte: elaborado pelo autor sobre poligonal IRPH/PCRJ e base Google Earth.

Figura 2: No primeiro plano, *desvios vegetais* identificados em trecho do Parque do Flamengo. Foto de maio de 2023.



Fonte: elaborado pelo autor.

Carlos é um deles. Durante três dias da semana, o vendedor estaciona seu carrinho de bebidas em um trecho movimentado da ciclovia, próximo à entrada da Marina da Glória. Nos momentos mais calmos, cuida da muda que vem cultivando no último ano, mas também daquelas que "herdou" de outros jardineiros.



Tião é mais um deles. Aposentado, frequenta uma das quadras de futebol do Parque do Flamengo algumas vezes na semana. Iniciou e mantém um pomar em um canteiro gramado que já dura anos e vem recebendo a adesão de muitos frequentadores.

Carlos e Tião são, ao mesmo tempo, agentes e observadores de práticas emergentes que incidem sobre a vegetação naquele trecho do parque. Mas se pensarmos na extensão do parque, no volume de recursos necessários à sua manutenção e nos desafios enfrentados desde sua inauguração, a atuação individual de ambos se mostra irrelevante à primeira vista. Além disso, na visão corrente que informa sobre as políticas de preservação de jardins históricos, seus plantios são lidos como uma ameaça à integridade do bem que, lembremos, foi tombado antes mesmo da sua inauguração oficial⁷.

Os conflitos gerados por esses atos de jardinagem indisciplinada são muitos e, ao mesmo tempo, estão muito distantes de uma solução simplista. (..) Mas aqui acompanhamos Donna Haraway na decisão de ficar com o problema, implicados pelas controvérsias que merecem ser ressaltadas ao invés de achatadas. Nesse caminho, ao cartografar uma típica paisagem urbana do século XX, nosso foco não residirá nas suas qualidades estéticas, nas políticas do patrimônio ou na atuação dos gestores públicos, questões muito bem desenvolvidas por outros pesquisadores que se debruçaram no local. Ao invés, esta reflexão buscará lançar luz sobre alguns dos encontros ordinários que emergem entre plantas e pessoas, levando a sério a intimidade daqueles que, ao se relacionarem, tensionam questões relativas ao projeto e planejamento de áreas livres urbanas frente às incertezas instauradas pela emergência climática. Na esteira dos estudos multiespécies, buscaremos dar espessura a determinadas práticas menores que abarcam socialidades mais-que-humanas, cultivando aquilo que pode ser entendido por uma ética do cuidado.

2.1 O mamoeiro de Carlos

Carlos é um homem de meia idade. Na juventude migrou com sua família do sul da Bahia para o interior do estado do Rio de Janeiro. Passou por dois pólos agrícolas no norte e noroeste fluminense antes de se fixar em Tanguá, município de menos de 35 mil habitantes localizado na franja da Região Metropolitana, a 70 km de distância da capital. Hoje passa metade da semana trabalhando como vendedor ambulante, entre a Lapa e o Parque do Flamengo.

Do trabalho em laranjais que outrora dominaram a economia de Tanguá, Carlos herdou o gosto pelas frutíferas. Há mais de um ano, trouxe de seu quintal uma muda de mamoeiro para plantar no parque, a poucos metros do local onde estaciona seu carrinho de bebidas. Repetindo parte das técnicas que utiliza no seu quintal, tratou de abrir uma cova, incorporou adubo e cobriu a superfície com folhas secas. Seu jovem mamoeiro divide o canteiro com acácias-pompom (*Vachellia seyal*) do projeto original, além de um cajueiro e mangueira plantados por outros frequentadores, que já atingem mais de três metros de altura.

Em uma visita avistei Carlos cravando garrafas de vidro vazias em volta do mamoeiro, improvisando uma espécie de gola que indicava à sua maneira que aquela muda vinha recebendo a atenção de alguém. Naquele mesmo dia Carlos apontou para as folhas largas do pé-de-abóbora que plantou ao lado, se queixando por nunca terem frutificado. Me mostrou

⁷ O Parque do Flamengo foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do SPHAN em 28/07/1965, três meses antes do evento que convencionou celebrar sua inauguração.



que rearranjou o emaranhado de forma mais distribuída sobre o gramado, acreditando que assim diminuiria a concorrência por luz e água.

Duas semanas depois, as garrafas não estavam mais lá. Decidiu removê-las, pois entendeu que poderiam oferecer risco na ocasião de uma briga ou assalto. Também retirou o pé-de-abóbora ao perceber que as formigas haviam tirado seu vigor, mas prometeu outra tentativa. Na ocasião, aproveitou para me mostrar o caminho de quase 200 metros que as formigas faziam pelo canteiro, atravessando o gramado até um grande formigueiro.

Carlos reconhece que o solo de aterro é pobre em nutrientes, fato que dificulta o desenvolvimento das plantas, sobretudo daquelas “que ficam em cima da terra”. Se queixa da falta de trato observada pelos funcionários e sugere que, se manejadas corretamente, as aparas e folhas secas recolhidas poderiam servir de composto orgânico para adubar as plantas do próprio parque. Ao fim de cada jornada, esvazia a água do degelo do isopor nas covas das suas mudas.

Voltando ao mamoeiro, Carlos não esconde o orgulho que sente:

“Eu vim lá de casa, ia trazer alfavaca. Mas eu olhei pro pé de mamão primeiro, tenho uns quatro pés lá e falei ‘vou levar essezinho’. Mas eu fiquei tão orgulhoso com ele ali, ele pequenininho e eu molhando ele, jogando água nele, capinando, fazendo tudo pra ele. Ele foi crescendo e eu gostei dele. Eu acho que ele é o orgulho daqui do Aterro. Por que só tem ele.”⁸

Apesar de não estar presente na cartela proposta por Burle Marx, logo veremos que o mamoeiro plantado por Carlos não é o único do Parque do Flamengo. Espécie frutífera bastante comum, de ciclo de vida curto e poucas exigências de solo, o que faz daquele mamoeiro algo singular aos olhos de Carlos? Que cuidados suportam tamanha intimidade?

2.2 O pomar de Tião

Tião mora em um apartamento na Lapa e frequenta um dos campos de futebol do Parque do Flamengo quase diariamente. Ele faz parte de um grupo de amigos *aterrianos* que socializam aos fins de semana na proximidade do campo. O espaço foi apelidado por alguns deles de A Fazenda e por outros de Bananeira Carioca, em referência à vigorosa bananeira plantada por eles e que hoje lhes serve de sombra.

Segundo Tião, tudo começou há quatro anos, “*com três pés de fruta na janela de casa*”. Um mamoeiro foi o primeiro a ser levado por ele ao parque:

“Aqui tinha um quiosque, e [o vaso com a muda] ficava no balcão, 10 dias ali e disseram “*planta, Tião!*”. [...] Corria o risco de alguém levar embora. O mamoeiro comia espinha de peixe, osso de tudo quanto era bicho, bagaço de outras frutas.. e olha o tamanho do cara. Cresceu pra cacete. Nós estamos querendo quebrar o recorde brasileiro que é de 16 metros.”⁹

Desde então, Tião segue plantando e guarda algumas ferramentas em um quiosque vizinho, de onde também pega a água que utiliza nas regas. O mamoeiro se adaptou tão bem ao local que hoje atinge mais de 10 metros. No passado, já chegaram a colher 16 mamões verdes de uma só vez, preparando pratos e dividindo o excedente entre os frequentadores.

O mamoeiro e a bananeira plantados por Tião integram o que hoje se assemelha a um pomar, pela variedade de espécies frutíferas mas também pela disposição regular do plantio das mudas. Hoje são 30 mudas de 18 espécies diferentes onde antes, por pelo menos 15 anos,

⁸ Carlos, em conversa ocorrida em abril de 2023 no Parque do Flamengo.

⁹ Tião, em conversa ocorrida em abril de 2023 no Parque do Flamengo.



havia somente um gramado. Muitas delas foram doadas por outros visitantes que observam a movimentação, se interessam e levam mudas para Tião plantar, passando a retornar para acompanhar seu desenvolvimento.

Percorrendo o pomar, Tião aponta para dois canários amarelos que vêm atrás das plantas. Indica os trechos do canteiro onde acredita que a terra seja de melhor qualidade. Conta que muitas mudas morrem e ressalta o insucesso que tem com os abacateiros que, segundo ele, nunca vingam. Mas se diz insistente e não desistirá.

O trato com aquele jardim é constante, envolve mais pessoas, existe há mais tempo e sua permanência é tolerada. Em uma das minhas primeiras idas, um dos frequentadores foi capaz de articular em poucas palavras seu apoio ao pomar mantido por Tião, seu principal receio e a vontade de multiplicá-lo:

"Por que aqui não pode nada, mas a gente conseguiu e a gente não vai deixar derrubar. E a gente precisa dessas pessoas pra cuidar. *Burlamaqui* já era. Agora é Tiãozinho, plantador. Mão de seda, mão boa. Pode derrubar um negócio que dá fruta, que mata a fome do povo que tá com fome? É isso? É isso. Aqui tem tudo e a gente quer mais."¹⁰

2.3 Esboços de uma ética do cuidado

A partir da teoria feminista, Tronto e Fisher definem cuidado como:

"[...] tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar nosso mundo para que possamos viver nele da melhor maneira possível. Esse mundo inclui nossos corpos, nós mesmos e nosso meio ambiente, e tudo em que procuramos intervir de forma complexa e auto-sustentável." (TRONTO, 2007)

As autoras identificam quatro fases ou tipos de cuidado: *cuidar de*, *importar-se com*, *oferecer o cuidado* e *recebê-lo*. Nas palavras de Tronto:


"Cuidar de algo envolve o reconhecimento da necessidade do cuidado em primeiro lugar. Exige a qualidade especial moral de ser atencioso, de reconhecer as necessidades. Importar-se com algo envolve a suposição da responsabilidade pelo trabalho que necessita ser feito; seu resultado moral óbvio é a responsabilidade. Oferecer o cuidado é o trabalho em si. A essa definição vinculo a qualidade moral da competência, a qual, freqüentemente, supõe-se que seja uma questão técnica e também bem compreendida, acredito, como uma categoria moral. Receber o cuidado é a resposta ao seu oferecimento." (TRONTO, 2007, p. 288)

Embora o cuidado esteja amplamente presente nas ações que envolvem a cidade e seus habitantes, seus reflexos são escassos no debate sobre o urbano. Tradicionalmente, a teoria urbana falha ao deixar de reconhecer o potencial do cuidado como uma prática importante para refletirmos sobre as (in)justiças urbanas (WILLIAMS, 2017).

Por outro caminho, Maria Puig de la Bellacasa defende que uma ética do cuidado deve ser pensada no solo ontológico, se afastando da moralidade implícita à concepção corrente do termo. A autora destaca os contornos de um fazer que não define ou é definido *a priori* por um código de conduta - um fazer implicado, não idealizado, atento aos entraves mundanos, às limitações e vulnerabilidades presentes naquelas e naqueles que cuidam e são cuidadas. Nas suas palavras:

"A atualização dos princípios do cuidado são sempre criadas em um fazer interrelacionado com as demandas de um lugar, uma terra, um bairro, uma cidade, uma ação particular. Aqui, agências 'pessoais' do cuidado diário são inseparáveis da sua significação ecológica coletiva. [...]"

¹⁰ Frequentador não identificado, em conversa ocorrida em abril de 2023 no Parque do Flamengo.



Pensar as práticas de cuidado cotidiano como atividades necessárias à manutenção de cada mundo social fazem delas um assunto coletivo" (PUIG DE LA BELLACASA, 2010, p. 162–164).

A reflexão de Bellacasa ilumina o fato de que, embora as práticas de cuidado discutidas até aqui tenham origem em indivíduos, suas ações são políticas e jamais deixam de dizer respeito ao coletivo. Sobretudo se levarmos a sério o colapso ambiental em curso, as respostas que precisarão ser dadas e o grau de inventividade necessário.

No Parque do Flamengo, humanos e plantas não cessam de se encontrar. De modo contingencial, tais encontros são tecidos em teias de relação, atenção e cuidado. Segundo Haraway, espécies companheiras trazem consigo histórias que envolvem co-constituição, finitude, impureza, historicidade e complexidade (HARAWAY, 2021, p. 24). Pensando com a autora, as relações de cuidado são muitas das vezes parciais e assimétricas, sobretudo quando reconhecemos que ocorrem em arranjos interespécies e geram socialidades outras-que-humanas.

O cuidado envolve um estado afetivo vital, uma obrigação ética e um labor prático (PUIG DE LA BELLACASA, 2012, p. 197, tradução nossa), manifestações sentidas nas ações de Tião, Carlos e outros jardineiros anônimos do parque. Neste caminho, a fala de Tião é exemplar na compreensão de que, se cuidar é mover uma situação, aqueles e aquelas que cuidam também serão movidos pelo cuidado:

"Quando você tá mexendo com planta, você vai lá, pega a água, dá uma regada nela [oferecer cuidado]. Aí você vê a felicidade dela. Começa a se abrir todinha, parece que agradecendo aquilo que você fez por ela. E eu fico feliz. Isso é como uma lavagem cerebral [sic] pra nós, por que a gente vai se sentir feliz de ver aquela planta se abrindo, agradecendo. Vai dormir tranquilo. Que coisa linda, que espetáculo que ela fez pra mim [receber o cuidado]. Toca até o coração da gente né."¹¹

Em *O Cogumelo no Fim do Mundo*, Anna Tsing relembra o fato de estarmos "*presos ao problema do viver apesar da ruína econômica e ecológica*" (TSING, 2022). Colocando em cheque as noções de progresso e modernidade, ambas caras também à construção retórica do projeto do Parque do Flamengo, Tsing reflete sobre a precariedade:

"E se, como sugiro, a precariedade for a condição dominante do nosso tempo - ou se, em outras palavras, o momento se tornou propício para percebermos a precariedade? E se a precariedade, a indeterminação e o que imaginamos como sendo trivial forem o centro da sistematicidade que buscamos?" (TSING, 2022, p. 64).

Desde o noticiário, a precariedade informa há décadas sobre os arranjos oficiais que incidem (ou deixam de incidir) sobre o Parque do Flamengo. Mas aqui, o momento também se tornou propício para percebermos outras precariedades. Não aquelas que dizem dos esforços institucionais, mas das práticas individuais, silenciosas e menores. E se as respostas ao porvir urbano, ecológico e planetário também forem cuidadosamente precárias, imperfeitas e incompletas?

No chão do Parque do Flamengo, Carlos e Tião acenam para outros arranjos de vida e cuidado em formação. Vida aqui assumida menos nos termos biológicos que dizem sobre limites rígidos entre seres, mas enquanto transmissão, vibrando na sua capacidade material de *estar em relação com* - sejam eles humanos, plantas ou territórios. Cuidado praticado de maneira situada, regenerando um jardim por vez, fazendo germinar, abrindo covas, adubando e regando nos períodos de estiagem, mas também lamentando pelas mudas perdidas.

¹¹ Carlos, em conversa ocorrida em abril de 2023 no Parque do Flamengo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fora, dentro e nas bordas difusas do fenômeno urbano, muitos seres, vivos ou não, são coprodutores de paisagens. Desde as mais variadas matrizes ontológicas (inclusive a moderna ocidental), a agência mais-que-humana é um fenômeno cada vez mais evidente que desestabiliza as formas antropocêntricas de pensar o social e fazer cidades.

Embora a relevância e atualidade deste tema seja verificada nos debates que vêm se consolidando nas últimas décadas, uma lacuna significativa ainda é observada no campo do urbanismo e arquitetura da paisagem. O fato do termo "urbanismo multiespécies" ter sido difundido apenas recentemente por alguns autores¹² reflete a necessidade premente de uma abordagem crítica na interseção dos estudos urbanos e estudos multiespécies, contribuindo para o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa sólida e responsiva - especialmente desde o Sul Global, onde as especificidades das dinâmicas urbanas e ecológicas permanecem ofuscadas.

Como destaca Escobar, "*outras cidades, outros designs são possíveis quando imaginados da perspectiva da multiplicidade de outros que as habitam*" (2022, p. 64). Frente aos avanços da sexta extinção em massa *paripassu* à urbanização planetária, os centros urbanos ganham um protagonismo inesperado como refúgios de biodiversidade. Neste contexto, que infraestruturas de cuidado, hospitalidade e reciprocidade devem ser projetadas? Como nos preparamos para acolher novos moradores e garantir a permanência dos antigos? Neste artigo, buscamos sinalizar que, ao acompanhar alianças com outras formas de vida que pululam as paisagens, é possível alargar a contribuição de urbanistas e arquitetos paisagistas nas respostas à catástrofe climática, abrindo caminho para soluções projetuais mais democráticas, regenerativas e resilientes.

REFERÊNCIAS

- BESSE, J.-M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.
- CHWAŁCZYK, F. Around the Anthropocene in Eighty Names—Considering the Urbanocene Proposition. **Sustainability**, v. 12, n. 11, p. 4458, 31 maio 2020.
- CORNER, J.; HIRSCH, A. B. **The landscape imagination: collected essays of James Corner, 1990-2010**. New York: Princeton Architectural Press, 2014.
- COSTA, L. **Popular values for urban parks: a case study of the changing meanings of Parque do Flamengo in Rio de Janeiro**. Londres: UCL, 1993.
- CRUTZEN, P.; STOERMER, E. O "Antropoceno" por Paul Crutzen & Eugene Stoermer. **Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica**, v. 1, 11 nov. 2020.
- DOHERTY, G.; WALDHEIM, C. (EDS.). **Is landscape...? essays on the identity of landscape**. Abingdon, Oxon; New York, NY: Routledge, 2016.
- ESCOBAR, A. Sobre o metrofitting ontológico das Cidades. **Astrágalo. Cultura de la Arquitectura y la Ciudad**, n. 30, p. 59–72, 2022.
- FARAH, I. M. C. A vegetação como acervo botânico no Parque do Flamengo, Rio de Janeiro.

¹² Cf. ESCOBAR, 2022 e KENNEDY, 2022. Conferir também o trabalho "Multispecies Urbanism Manifesto" feito pela artista Debra Solomon para o Pavilhão da Holanda na Bienal de Arquitetura de Veneza de 2021, [Online] Disponível em: <<https://whoiswe.nl/works#solomon-multispecies-urbanism>>.



- Paisagem e Ambiente**, v. 32, n. 48, p. e182156, 20 out. 2021.
- FRANKLIN, A. The more-than-human city. **The Sociological Review**, v. 65, n. 2, p. 202–217, maio 2017.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.
- HARAWAY, D. J. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HOUSTON, D. et al. Make kin, not cities! Multispecies entanglements and ‘becoming-world’ in planning theory. **Planning Theory**, v. 17, n. 2, p. 190–212, maio 2018.
- KENNEDY, C. Ruderal Resilience: Applying a Ruderal Lens to Advance Multispecies Urbanism and Social-Ecological Systems Theory. **Frontiers in Built Environment**, v. 8, p. 769357, 24 mar. 2022.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. [s.l.] Edufba, 2012.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 3. ed ed. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 2013.
- MACPHERSON, H. Non-Representational Approaches to Body-Landscape Relations: Body-landscape relations. **Geography Compass**, v. 4, n. 1, p. 1–13, jan. 2010.
- MANCUSO, S. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu, 2021.
- MYERS, N. From Edenic Apocalypse to Gardens against Eden: Plants and People in and after the Anthropocene. Em: HETHERINGTON, K. (Ed.). **Infrastructure, environment, and life in the Anthropocene**. Experimental futures. Durham: Duke University Press, 2019.
- PUIG DE LA BELLACASA, M. Ethical doings in naturecultures. **Ethics, Place & Environment**, v. 13, n. 2, p. 151–169, jun. 2010.
- PUIG DE LA BELLACASA, M. ‘Nothing Comes Without Its World’: Thinking with Care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, p. 197–216, maio 2012.
- TRONTO, J. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 2, p. 285–308, ago. 2007.
- TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- TSING, A. **O cogumelo no fim do mundo**. São Paulo: n-1 edições, 2022.
- VAN DOOREN, T.; KIRKSEY, E.; MÜNSTER, U. Multispecies Studies: Cultivating Arts of Attentiveness. **Environmental Humanities**, v. 8, n. 1, p. 1–23, maio 2016.
- VARGAS, E. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. Em: TARDE, G. (Ed.). **Monadologia e sociologia - e outros ensaios**. [s.l.] Cosac Naify, 2007.
- WILLIAMS, M. J. Care-full Justice in the City. **Antipode**, v. 49, n. 3, p. 821–839, jun. 2017.
- WOLCH, J. R.; WEST, K.; GAINES, T. E. Transspecies Urban Theory. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 13, n. 6, p. 735–760, dez. 1995.